



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Dária Jaremtchuk
Universidade de São Paulo - USP

A Bienal de São Paulo no contexto da Guerra Fria

Os Estados Unidos buscaram sempre estar bem representados no meio das artes no Brasil. Desde a década de 1940, o Departamento de Estado apoiava a organização das exposições internacionais e em 1954, a United States Information Agency (USIA) assumiu a responsabilidade pelas mostras fora do país. No entanto, percebe-se que na década de 1960, o governo demonstrou de modo explícito o interesse pelas representações nas Bienais de Veneza e de São Paulo, esta considerada a segunda maior mostra em termos de importância logo após a italiana. Seguramente, ambas eram uma vitrine no cenário da Guerra Fria, haja vista a constante referência e a comparação com as participações dos países do Bloco Soviético nos dois certames. Ou seja, as artes visuais tornaram-se uma estratégia explícita para a construção de uma imagem positiva que o governo norte-americano utilizaria para atrair simpatias. A presente comunicação tem como objetivo discutir a presença desse país nas Bienais de São Paulo durante as décadas de 1960 e 1970, assim como a sua ausência nas edições de 1969 e 1971. Se na X Bienal os Estados Unidos não vieram porque alguns artistas convidados se negaram a enviar trabalhos deixando assim o país sem alternativa para organizar uma mostra na última hora, na XI Bienal o Departamento de Estado não remeteu oficialmente nenhuma representação alegando “motivos de ordem econômica”. Embora essa resposta tenha sido utilizada nas correspondências enviadas para a Fundação Bienal, percebe-se que se tratava de uma medida que procurava evitar qualquer tipo de manifestação contrária à Guerra do Vietnã.